

A SEMANA

DIRECTOR VALENTIM MAGALHÃES

Redactor-gerente, MAX FLEIUSS.

Escritorio, rua dos Ourives n. 71, 2º andar.

Secretario da redacção, H. DE MAGALHÃES

SABBADO, 23 DE DEZEMBRO DE 1893

EXPEDIENTE:

Assinaturas annual.	12\$000
" semestral	7\$000
Numero avulso.	\$200
" intruzido	\$300

As assinaturas terminam sempre em Junho e dezembro

Terminando neste mez o 1º semestre da segunda phase d'A SEMANA, rogamos aos nossos dignos assignantes o inestimavel favor de mandarem reformar suas assignaturas, afim de que não seja suspensa a remessa da folha.

SUMMARY.—Historia dos sete dias—Julio Valmor; O Natal—Marco Valente; O poeta laureado de Inglaterra—F. X.; O Natal, poesia, Henrique de Magalhães; Os Concursos literarios d'A Semana; A Boneca, soneto—Luiz Delfino; Poemas da Juventude, A bella viagem—Garcia Rondon; Gazetilha Litteraria; Canicular, soneto—Magalhães de Assredo; Cartas á minha irmã—J. V. de Azevedo Sobrinho; Conto Oriental—Damasceno Veiros; Factos e Noticias; Theatros—P. Talma; Correio—Enrico; Tratos á bola—Pr. Antonio.

Historia dos sete dias

Já notaram que, apesar das difficuldades com que a musa das chronicas alegres vai conduzindo por montes e valles o autor da "historia dos sete dias", elle ainda não teve que se lamentar uma só vez da esterilidade da época em que foi chamado a este posto, ou para melhor dizer, a este poste "E" que pela lei, das compensações, se, por um lado, a escassez da quadra em assumptos litterarios poderia pôr em apertos a inexperiencia do chronista, mal affeito a escapar-se pela tangente de uma anedocta ou de uma phantasia ao circulo restricto traçado pelos sete dias da semana; por outro lado a certeza de que ninguem o lê, dá-lhe um desembaraço que, em vão, se esforçaria por adquirir em tempos menos alvoroçados, com os vinte mil olhos, dos dez mil leitores da "Semana" a mirarem-no de alto a baixo e os Polyphemos da critica a monocularem-lhe os dizeres.

(Nota.—O chronista não está bem certo de que sejam dez mil os leitores desta folha, mas como na apresentação que delle fez aos referidos leitores, José do Egypto, se denominava Xenophonte e não se comprehende Xenophonte sem os dez mil, d'ahi a conclusão.)

Ha dias observava-me uma senhora, coração sensível como o de V. Ex., amavel leitora: Como é possível ter vontade de rir, quando de tantos peitos que o luto ennegreceu pendem milhões de lagrimas congeladas pelo soffrimento?

Desculpei-me. O riso dos commentarios alegres á tragi-comedia do mundo não é gerado absolutamente nos seios

d'alma onde se engendra a compaixão misericordiosa pelos infortunios da especie humana; é uma simples contracção dos musculos faciaes produzida pelo contraste das cousas da vida e não calcada na mesma forja das reconditas agonias que roem e rugem cá por dentro.

E' aquelle movimento instinctivo que obriga V. Ex. a descerrar os labios quando vê alguém estender-se desgraciosamente na calçada, não obstante reconhecer perfeitamente quanto uma queda pôde ser fatal.

A vida é assim mesmo. Caminha um homem a passo lesto, trampolim da existencia fóra, sabendo bem que na extremidade está suspenso o desconhecido, a apothese calorosa da multidão ou o abraço gelado da morte, e, todavia, vai alegre; vai alegre porque se sente menos opprimido da massa de ar que sobre elle pesa, graças á illusão compensadora do mecanismo propulsivo. E' a isto, supponho eu, que se chama a alegria de viver.

Que ha tambem quem ria um riso amargo, que outra cousa não é a ironia de um Swift, concentração do orgulho recalçado do estudante preterido de Dublin, ou o rir satânico de um Beaude-laire, succo acre do fructo mal sasonado da vida em conserva de opio e hatchis.

Nenhum d'estes, porém, é o rir do moderno folhetim. Este é um descendente em linha recta d'aquelle rir de Rabelais, extracto duplo da philosophia de Erasmo e da mordacidade do espirito gaulês.

Mas a que vem tudo isto? Ah! já sei. Vem para dizer que a minha gentil interlocutora fez-me prometter-lhe que no presente numero d'A SEMANA me occuparia de alguma cousa serla.

Exactamente tenho aqui á mão o que quer que seja com que possa satisfazerla. E' um commentario despretençioso a um bem intencionado artigo que o Sr. Horto de Godoy, de Rio Claro, publicou em o ultimo numero d'esta mesma folha sob o titulo—VICIOS DE LINGUAGEM.

N'este artigo lamenta o Sr. Godoy: "Agora os jornaes publicam diariamente um termo errado: projectis."

Como o chronista é dos que se obstinam no erro, tendo dado materia para corpo de delicto ainda na ultima HISTORIA DOS SETE DIAS, onde, a dous terços da segunda columna empregou aquelle plural, pede venia para ponderar que, segundo elle pensa ou antes, segundo elle sente, porque na arte de escrever ha cousas que mais se experimentam do que se explicam, nem um exercito inteiro de linguistas, tendo á sua frente generaes do valor de João Ribeiro, invocado pelo articulista, e ainda de Laet, Fausto Barreto, Alfredo Gomes, Adolpho Coelho, Said-Ali, Pacheco Junior e Lameira de Andrade, com os quaes poderia, porventura, engrossar a sua phalange, bastaria a con-

ter o impeto da onda popular que desde Portugal vem arremettendo de todas as partes com "agudos" projectis que fazem calar os "graves" projectis immobilizados na tonica originaria, sem vibratilidade, sem onomatopela, sem vida.

Não fossem estas considerações oppostas por um simples contador de historias e era aqui o lugar de contrapor á opinião do Sr. Horto as autoridades que se acostam á forma por elle repellida, mas como "ne sutor ultra crepidam," ninguem manda a sapateiro tocar rabecão, limita-se a afirmar que cá para o officio "projectis" não lhe soam.

No entretanto, assegura ao Sr. Godoy que a sua lição não foi de todo perdida e que, quando se encontrar com linguistas ha de mostrar-lhes que tambem é dos que bebem do fino.

Agora, visto que o Sr. Godoy é caroavel d'estas investigações de vernaculidade, atrevo-me a pedir-lhe que nos seus ocios de Rio Claro se sirva indagar da legitimidade d'aquella expressão que se lê no seu artigo: "deparel com multos termos estranhos."

Está-me a paricar que aquella maneira de dizer não tem a chancellia dos auctores mais escolhidos, que a consideram um dos vicios com tão boa consciencia profligados pelo artigo a que me reporto.

Em portuguez de Bernardes, de Frei Luiz de Souza ou de D. Francisco Manoel aquella phrase deve ser substituida pela seguinte: "depararam-se-me multos termos estranhos", ou ainda por est'outra: "a leitura de tal obra deparou-me multos termos estranhos."

Omitto as razões em que me firmo, porque isto aqui não é cadeira que se firme em cousa nenhuma, é uma simples gangorra litteraria em que o fazedor da chronica só se conserva no alto no momento — bem longo para o leitor — em que o José do Egypto demora lá por baixo a descambar.

Accusa mais o artigo a que me vou referindo:

"Commumente "lê-se" pelos jornaes os seguintes termos"...

E mais adiante:

"E' commum "encontrar-se" phrases como esta..."

Ora a mim "têm-se-me deparado" muitas vezes á porta de estalagens e de estrebarias litterarios assim concebidos: "Aluga-se quartos" "Ferra-se cavallos." Eu entendo o que elles querem dizer, mas, se acerto de ir com o Said-Ali ou com o Alfredo Gomes e que damos de cara com uma taboleta assim redigida, reparo em que elles sorriem sempre dando a entender que o estalajadeiro ou o ferrador, para serem benemeritos de Francisco Rodrigues Lobo, deveriam escrever "Alugam-se quartos" "Ferram-se cavallos."

Estava eu n'esta crença quando surge agora o artigo do critico de Rio Claro

sanccionando tueltamente aquella forma assaz corrente entre cortijos e alquillarias, mas que ainda não havia adquirido fóros de cortezã de modo a poder figurar condignamente na "Côrte na Aldeia" do auctor predilecto do Investigador de Rio Claro.

Complaine-me o Sr. Horto de Godoy aquellas corcovas desgraçadas no liso dorso da sã linguagem portugueza e conte depois com este seu creado para irmos juntos, de Moraes em punho, dar caça sem tregua nem mercê aos estrangeirismos de má raça.

JULIO VALMOR.

O NATAL

Festas! Festas!

Boas festas!

Eis o brado que resôa na cidade, do Sacco do Alferes á Ponta do Cajú, de Botafogo á Prainha.

Esse brado é a um tempo o "requiescat" do anno velho e o "salve" do novo.

O "Natal" é o dia mais alegre e mais poetico da civilisação christã.

Mesmo sobre os espiritos mais negativos á fé, menos evados de religiosidade, que repellem o dogma da natividade divina, exerce esta doce e suavissima lenda um poder ineffavel de ternura e encanto.

Que ignorado Homero foi esse que em seu cerebro genial creou-a? A pergunta parecerá sacrilega aos crentes; mas é racional—talvez por isso mesmo.

Que infinito poema nesse Deus que se faz homem e nasce, de humildes paes, sobre as palhas douradas de um presépe, entre os bons animaes pacíficos e amigos do homem—como o filho do mais obscuro e pobre casal aldeão!

E tudo o mais—esses poderosos monarchas que vêm dos mais longinquos continentes, guiados por uma estrella, a estrella do pastor, a Vesper, a Venus, a linda estrella d'Alva, que, sob tantos e tão diversos nomes, é sempre o mesmo limpido e incorruptivel pharol dos céus; essas offerendas por elles depositas aos pésinhos do Deus recém-nado e os córos de zagues e a fuga para o Egypto...

Quanta poesia singela e consoladora em tudo isso!

O Natal é, sobretudo, uma festa encantadora por ser a festa das crianças.

No mais fidalgo palacio parisiense como na mais pobre choupana russa a noite de hoje é cheia de doces promessas e doces mysterios para a criança.

De paiz a paiz variam as lendas e os usos de festejal-a, mas o fundo é o mesmo. O Deus menino manda regalos, brincos e teteias aos seus amiguinhos; manda-lh'os mysteriosamente por uma fada muito boa e muito loura ou por um grande velho risonho, de barbas de algodão, que desce pela chaminé, quando já frio o borralho e adormecida a casa.

Como são madrugadoras as crianças neste dia!

Com que pressa e anciedade se atiram para fóra das caminhas!

E' porque sabem que, no interior dos sapatos, dentro dos bolsos ou das gavetas hão de encontrar os presentes que o menino Jesus lh'es manda, para commemorar o dia em que se fez pequenino e fraco como todas as crianças.

A alegria d'estas faz a dos paes e dos avós e transforma os lares em ninhos muito verdes e floridos, gorgendos de passarinhos.

E a missa do gallo?!

Quantos risos e gritos e beljos pelos caminhos escuros, pelos campos humidos, entre as sebes espinhentas, emquanto o sino da igreja distante repica festivo e os gallos vão passando a senha de quintal a quintal, de herdade a herdade.

E' no campo, é na roça que a missa do gallo é bella e devéras encanta.

Nas cidades, com o transporte a carro e os feis vestidos á moda e os templos refulgentes de luxo, ella não fala tanto á alma, nem faz tanto bem á gente.

A festa dos simples entre os simples deve ser celebrada, e por elles, com humildade, na paz dos campos, na communhão das plantas e dos animaes.

O Natal no Rio de Janeiro, como em todas as grandes cidades, é, por isso, relativamente frio e pallido. Resume-se, actualmente, em arvoresinhas do Natal, pinheiros artificiaes, carregados de quinquilharias caras e numa chuva impertinente de pedidos de festa.

Oh! as festas! Todos as pedem—o padeiro, o caixeiro do armazem, o leiteiro, o carteiro, o entregador do jornal, os criados, os afilhados, os sobrinhos, os primos—todo o interminavel exercito dos parentes e serviçaes.

E' uma perseguição, quasi uma praga, que se prolonga até ao dia de Reis.

Todos pedem as suas "amendoas." Ora as "amendoas" têm muitas vezes de ser de ouro e brilhantes; e mesmo as que são apenas cobertas de assucar custam um dinheiro louco!

Se a gente for a dar as festas a todos que nol-as pedem, ou mesmo sómente áquelles a quem devemos dal-as, lá se vão as economias—quando as ha!

Se eu fosse bastante rico para dar uma festa de pobre, era do modo seguinte que eu celebraria o Natal.

Forraria toda a casa de palmas verdes e festões floridos; armaria um presépe rustico, bem rustico, com um menino-Deus rosadinho e papudo no meio do seu classico "entourage," que nossos avós sabiam arranjar com tão encantadora ingenuidade; cobriria de teteias um grande pinheiro natural, para que as crianças lhe dançassem em volta e colhessem os "fructos" e daria á familia e aos intimos uma "consoada," á primitiva, com baixella de barro e vinho de uva, devendo todos trajarem de pegureiros e zagaias.

E a "consoada" começaria depois da missa do gallo, resada ali assim, deante do divino pequerrucho, no presépe, com córos de crianças e donzellas, ao toque de gaitas e frautas rusticas.

Mas como não sou rico, resigno-me a festejar o Natal arruinando-me em amendoas.

MARCOS VALENTE

O POETA LAUREADO DE INGLATERRA

Trata-se de fazer em Inglaterra a nomeação do poeta laureado, cargo vitalicio que vagou, ha um anno, por morte de lord Tennyson, pois, como é sabido, entre as joias da corôa ingleza contam-se as gemas da poesia. A nomeação, apezar das interpelações que a esse respeito tem-se feito ultimamente ao Sr. Gladstone na Camara dos Communs,

não é da alçada do governo, mas da do lord-mordomo da casa real. O primeiro ministro é talvez ouvido sobre a pessoa do candidato; d'ahi a intervenção do parlamento.

O cargo tem sido até aqui servido pelo poeta reputado o primeiro entre os seus contemporaneos, mas cujas produções não são inteiramente estranhas ás glorias da patria ou da familia restante. Wordsworth foi uma excepção á regra, mas já a nomeação de Alfred Tennyson foi devida a uma ode sobre a morte do duque de Wellington. Hoje é substituto de Tennyson, indiciado pela critica e pela voz geral, é Swinburne. Mas esse sabe-se de antemão que não será escolhido por estar no caso do immortal de Daudet em relação á Academia Franceza: escreveu a "Toute Nue," titulo que explica toda a obra, primorosa embora, de Swinburne.

A proposito da demora da nomeação, o ultimo numero da "Revista de Edinburgh" traz um artigo em que se mostra apprehensiva sobre a extincção do lugar e manifesta-se contra essa medida, por ser elle o unico reconhecimento official do genio litterario do paiz; e lembra o alvitro de o deixar vago até que appareça alguem que, nas graças da Corôa, seja digno de o merecer. O artigo da "Revista" é inter essantissimo como critica e por longo demais não podemos traduzil-o para "A Semana." Todavia reproduziremos em synthese algumas de suas idéas para dar a conhecer aos nossos leitores a nova geração poetica de Inglaterra.

Mr. Traill, critico londrino, num artigo de "magazine" do anno passado offereceu uma lista de sessenta e cinco poetas inglezes contemporaneos, dentre os quaes classificou quinze (cujos nomes prudentemente calou) de verdadeiras notabilidades, estudados á luz de qualquer época da litteratura daquelle paiz. O artigo em questão da "Revista de Edinburgh" trata de vinte e cinco ao todo, e é sem duvida mais severo para com elles do que o critico a que nos referimos.

Dentre esses, Swinburne, que mereceu estudo especial em outro numero da REVISTA, é por ella o eleito por ser o primeiro lyricô da actualidade. Segue-se William Morris "poeta de imaginação deslumbrante, de individualidade propria, de estylo elevado, senhor da lingua e do verso," mas republicano e socialista. O ultimo livro de William Morris, POEMS BY THE WAX, é uma collecção escolhida de suas melhores produções, algumas dellas muito populares. Em relação ás probabilidades de sua nomeação o articulista refere o seguinte dialogo ouvido em um "smoking-room":

— Creio que Morris será o nomeado.

— Não é possível. E as suas idéas republicanas?...

— Ah! bem, eu não me refiro a Morris, o poeta; refiro-me ao outro Morris.

O "outro" é Lewis Morris que tem-se evidentemente em conta de poeta; e as "Obras de Lewis Morris," reunidas em um volume de quinhentas paginas, á razão de duas columnas para cada pagina, em titulo, impressão, typo, retrato, lombada e no mais exteriormente identicas ás "Obras de Alfred Tennyson," fazem crer no proposito de uma suggestão. E quem quer que julgue injusta a critica da REVISTA use a sua receita, lendo pela manhã o poema dramático em seis actos intitulado GWEN, de Lewis Morris, e lendo á tarde o poema dramático em seis actos intitulado MAUD, de Alfred

Tennyson, que saberá do que é capaz o "outro" Morris, no sentido de uma "anexação." Alfred Austin é outro que pode ser tomado a serio porque é auctor de algumas poesias lyricas e de alguns sonetos magníficos, mas de quem em relação ao cargo não se poderá dizer como elle diz de si no seu poema AT DELPHI:

Cinge a c'roa que é tua até á morte
Cantor do Mar do Norte.

Edwin Arnold tambem é fóra de duvida que não será nomeado. É bom poeta, mas os assumptos que o preocupam são estranhos á nacionalidade e aos costumes Inglozes. A LUZ DA ASIA, o seu melhor livro, está na vigesima quinta edição, mas quem não for familiar com a lingua japoneza não poderá entendel-o. Exemplo:

Então vem o "koti, nahnt ninnahut"
"Chyo mo kawaranu fufo zo."

Ambrey de Vere é auctor do ALEXANDRE, poema dramatico, e das LEGENDAS DE SÃO PATRICK, mas teria tudo a lucrar se se limitasse a algumas poesias e a alguns sonetos realmente bellos. Coventry Patmore é incomprehensivel em tudo quanto faz, mas escreveu o ANJO DO LAR, obra prima de estylo e de originalidade. F. Tennyson faz versos de escola bem cuidados e correctos quanto á metrificacão. É, comtudo, um poeta de raça... por ser irmão do ultimo laureado.

W. Watson conhece o segredo de extenar grandes pensamentos em poesias curtas e bem acabadas. Norman Gale, cultiva exclusivamente o genero pastoril, equilibrando-se por vezes no sublime e não raro na vulgaridade. Lord de Tabley é homem cultivado e de fino sentimento poetico. Os seus livros são cuidadosamente impressos e encadernados. O CANTO NUPCIAL e o ESTUDO DE UMA ARANHA são as suas composições mais inspiradas.

Marzials e Le Gallium, poetas "fin-de-siècle," são os nephelibatus de Inglaterra. A ULTIMA METAMORPHOSE DE MEGHISTOPHELES é a obra prima de Marzials, e PAOLO E FRANCESCA, poemeto á maneira de Byron, a obra prima de Le Gallium. Ambos têm bons sonetos e poesias. O DECADENTE E A ALMA é o titulo de uma poesia notavel do ultimo. Bridges confina com os "fin-de-siècle." Parece que não é considerado nephelibata porque escreve dramas classicos e é o traductor do HEAUTONTIMORUMENOS. Diz um critico que "o seu verso parece prosa e a sua prosa parece verso." Austin Dobson é o cantor dos PROVERBIOS EM PORCELLANA, um livro primoroso de sentimentalismo das cousas e dos homens do seculo passado, em versos modernissimos. Nada mais delicado nem mais bem feito do que uma sua poesia sob o titulo UM CHAPÉO QUE VAE BEM. Lang é um prolongamento de Dobson com originalidade propria, principiando pelo titulo de seu livro: BALADAS EM LCUÇA AZUL. Gosse é um impeccavel da escola dos dois ultimos; Myers, para acabar com os poetas de primeira plana, tem mais de philosopho do que de poeta.

Entre as poetisas são dignas de menção Miss Ingelow, Miss Rosseti e Mrs. Augusta Webster. — Miss Ingelow em primeiro lugar. Wilfrid Blunt, Alfred Lyall, R. L. Stevenson e Kipling occupam o segundo plano.

E assim termina o artigo da REVISTA DE EDIMBURGH, e sem quebrar lanças pela nomeação de Swinburne, por julgal-o incompativel com a c'orte, e sem apresentar outro candidato, Tendo em vista

a influencia que ella exerce nos circulos officiaes, desde a epocha em que malsinava Byron, é provavel que o cargo fique vago por algum tempo, ou talvez, enquanto viver Swinburne, que por ser "shoking", na opinão de seus conterraneos, deixa de ser o poeta laureado.

F. X.

NATAL

Já da cigarra a ceza-reza
Sóa no espaço fanfarrante;
E a natureza inteira offega.

Pois o Verão arvora a flamula flamejante!

Reim Dezembro, o mez ardente,
O ardente mez das bóas festas!
Parece altar resplandecente

O seio aberto em flór das virides florestas!...

E como um clown que affronta quedas,
A pó de estrellas polvilhado,
No seu carril de labaredas,

O sol galga do céu o viaducto elevado!...

E, emfim, congesta, chega ao alto
E faz prodigios de equilibrio!

E vai, depois, de salto em salto,

Cahir ao mar que rosna e o cabre de ludibrio!

Chega o reinado das amendoas,
Já das criangas ouço os risos!

Eu fico alegre alegres vendo-as!...

Cada risada lembra um tiliutar de guizos!

Cantam as aves pelo espaço,
Nadam olores na atmosphera:
Flores encontro a cada passo

E sinto o halito bom da gentil Primavera.

Em toda a parte, em todo o Globo,
Reino o Verão ou reino o Inverno,

Ruja faminto o foro lobo

Ou solte o passaredo o seu cantico termo.

Em toda a parte se festeja
O grande e memoravel dia,
E não é só na austera Egreja:

— E' tambem no palacio e na choça sombria.

Por este tempo, na Judéa,
Talvez que em dia assim faustoso,
Fallou-se que, ua Galiléa,

De paes pobres nasceu um menino formoso.

Esse menino quando adulto
Soffreu por toda a Humanidade,
Do Bem prégando sempre o culto

E o culto da Justiça e o culto da Verdade!

E emtanto o audaz propagandista
Da Liberdade e do Direito,
Que, assim fazendo, tinha em vista

Prender um coração de pomba em cada peito.

Cuja cabeça altiva e loura
Trazia a idéa de um sacario.

Numa acanhada mangedoura

Nasceu da esposa fel de um simples operario!

Portanto a festa de quem leve
Um unscimento tão modesto

Não deve ser p'ros ricos, deve

Ser p'ros fillos do Povo estarrapado e honesto,

Que o parco pão, ganha com custo
E bebe o vinho p'lo gargallo

E assa a castanha no magusto

E alegre á noite vai ver a missa do gallo!

O' tristes fillos da Canalha,

Ao menos isto vos console:

— Christo nasceu em feno e palha,

Palha da c'ór do sol e feno fresco e molle!

Mas como, a todos nivelado.

Elle nos fez irmãos, hosana!

Que o goso eu possa ver reinando

Na vivenda fidalga e ua humilde choupana!...

22-12-93.

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

CONCURSOS LITTERARIOS

Vamos estabelecer de Janeiro do proximo anno em diante quatro concursos trimensaes, de prosa e verso.

O primeiro, que fica desde já aberto, será encerrado no dia 15 de Fevereiro; o segundo será aberto a 1 de Abril e encerrado a 15 de Maio; o terceiro será aberto a 1 de Julho e encerrado a 15 de Agosto, e o ultimo será aberto a 1 de Outubro e encerrado a 15 de Novembro.

CONDIÇÕES GERAES

Os manuscritos, dirigidos ao director d'A SEMANA, trarão, em vez de assignatura, uma divisa ou legenda e devem ser escriptos em letra bem intelligivel.

Devem ser todos completamente inéditos.

Cada manuscrito será acompanhado de uma sobrecarta, na qual se leia a divisa ou legenda correspondente ao manuscrito, e dentro da qual virão o nome e a residencia do autor do trabalho.

Quer para as composições em prosa como para as em verso a máxima liberdade é concedida para a escolha do assumpto e a fórma da obra.

Os trechos de prosa—contos, quadros, fantasias, seja o que fór—não deverão ter menos de 150 linhas (de uma tira de almaço) nem mais de 400.

Os poemas não conterão menos de 14 versos nem mais de 150.

Nos mezes de Março, Junho, Setembro e Dezembro serão publicados os trabalhos premiados em cada concurso anterior.

OS PREMIOS

Para o concurso de poesia só estabelecemos um premio. Para o de prosa—tres: primeiro, segundo e terceiro. Se acontecer que dous, tres ou quatro poemas mereçam o premio unico, será este conferido a um e os outros passarão para o seguinte concurso. O mesmo para o caso de merecerem varios trechos de prosa o primeiro dos tres premios.

Consistirão estes em livros de luxo, raridades bibliographicas, autographos preciosos, retratos de celebridades, ricamente emmoldurados, etc.

OBSERVAÇÕES

A organisação destes concursos é, com pequenas modificações, a mesma dos concursos mensaes do Echo de Paris Litteraire Illustré.

Os manuscritos remettidos para aquelle fim não serão restituídos.

A DIRECÇÃO.

A BONECA

ASPASIAS

Como a loira boneca da Allemaucha,
É farta, gorda, alegre, bôa: os seios
Amplios, olhos sem luz, mas negros, cheios
De um barulho de rua e d'harpa estranha.

No rosto, lnda nuporal clarão, que o banha:
Tem o verniz da infancia, o riso enleios:
É como a onda balança, a praia ganha,
Não anda, ondula em languidos meneios.

Ha-de em breve raiar n'algunha sala,
É ás mãos de alguém de fórma seductora,
Que lnda, em beijos gulôsos, acabá-la

É da cova, que o crime enpluma e doura,
Calir n'outra, sem côr, sem voz, sem falla,
A pobre!... a pobre da boneca loura...

LUIZ DELFINO.

POEMAS DA JUVENTUDE

I

A BELLA VIAGEM

"Flick-flack, Flick-flack", fazia o pingalim do cocheiro — um nubio brunido pelo sol dos tropicos — fustigando o dorso dos pequenos poneys, que arrastavam o nosso microscopico landau.

E nós, abraçados, mãos e labios unidos, na ventura do goso, voavamos para o paiz das chimeras, dentro do pequenino "LANDAU", enquanto o chicote do nubio fazia "Flick-flack, Flick-flack", sobre o dorso dos fogosos poneys.

*

De vez em quando, os labios d'ella desuniam-se dos meus e o murmuro da sua voz suavissima disia ao cocheiro: — Mais depressa, mais depressa...

E o pingalim estalava de novo sobre o dorso dos pequenos poneys, fazendo sempre "Flick-flack, Flick-flack."

E o "LANDAU" rodava celere, vertiginosamente, pela linda estrada branca, orlada de boninas e de madresilvas em flor, por entre os pinheiros balsamicos, n'um bello dia de primavera, luminoso e fresco.

*

Assim viajámos longas horas — eu e ella — sempre unidos, sem nunca attignirmos esse delicioso paiz das chimeras, para o qual voavamos ás tontas, sem guia, sem itinerario, arrastados apenas pelo impulso satânico dos nossos desejos lubricos.

*

Na volta, quando o pingalim do cocheiro fazia "Flick-flack, Flick-flack" sobre o dorso dos pequenos poneys, ella, desunindo os seus labios dos meus, ordenava: — Mais de vagar, mais de vagar...

Mas o nubio, lembrando-se talvez das bellas ethiopes do seu paiz abrazado, fustigava sempre os poneys e o "LANDAU" rodava, rodava sempre pela linda estrada branca, orlada de boninas e de madresilvas em flor.

E, enquanto o landau corria esmagando as lindas flores da innocencia, que haviam ficado esparsas pela estrada a fora, e o pingalim do cocheiro fazia "Flick-flack, Flick-flack" no dorso dos nervosos poneys, eu sentia tambem o chicote do remorso a fustigar-me a consciencia e fazendo igualmente "Flick-flack, Flick-flack."

GARCIA REDONDO.

GAZETILHA LITTERARIA

Vamos fazer uma pequena resenha das ultimas novidades parisienses.

Começaremos por dedicar algumas palavras a um dos ultimos livros de GYP — PAS JALOUSE!

GYP é o pseudonymo da condessa de Martel de Janville, Sybilla Gabriella Maria Antonietta de Riquetti de Mirabeau ("Excusez du peu!").

Entre seus livros mais apreciados e mais famosos estão AU TOUR DU MARIAGE, AU TOUR DU DIVORCE e PETIT BOB.

PAS JALOUSE! é um delicioso romance, que melhor talvez se intitulara LE FLIRT, pois nelle se estudam e descarnam os terriveis inconvenientes desse mal moderno, que a moda impõe e requinta.

Os typos dos protagonistas ANTOINETTE, condessa d'Etiolles, e seu marido são admiravelmente traçados, com uma verdade flagrante: — aquella, intelligente, bôa, meiga, honesta, profundamente amorosa de seu marido; este, adorando a mulher, mas irremediavelmente viciado na vida do "grand monde" absorvido pelo polvo luctador e macio do "flirt," que o faz deixar a mulher querida dias e noites seguidas, na solidão de seu castello, para ir borboletar banal e gentilmente entre as "coquettes" dos castellos visinhos, em almoços, jantares e "pic-nics" interminaveis. Todo o livro, cujo entrecho não contamos para não tirarmos aos leitores o prazer da surpresa, é escripto com uma elegancia e fineza de estylo e um espirito encantadores. Nelle abusa-se um pouquinho de almoços e jantares. Quasi não se trata de outra cousa. Verdade é que no mundo "où l'on s'embête", a não ser d'aquillo só de amor se trata.

Recomendamos PAS JALOUSE! aos maridos — borboletas para que nelle aprendam ao que se arriscam.

TOUT BAS, de F. Poitevin é antes um diario de impressões que um romance. Tem apreciaveis qualidades de observação e de estylo.

DEBORAH, do conde Estanisláu Rzewuski é uma historia simples, banal mesmo, desfiada em estylo rethorico e empolado.

LE NEZ DE CLEOPATRE, de H. de Saussine conta rivalidades amorosas em que Cleopatra não mette o nariz senão no fim, e isso mesmo sem que o leitor saiba para que.

LE ROI DE LA CRÉATION, de Cadol, é um livro agradável.

L'IRRESISTIBLE, de ETINCELLE, é uma historia banal, contada com certa habilidade.

UN VIEUX MÉNAGE, é um romance de Madame Gréville, em que ella supprime o que lhe falta em energia e vibração por certa naturalidade e graça amavel.

CŒUR FERME, de Trouessart, é uma historia parecida com a de "L'irresistible" com a grande differença, contudo, que a heroína não chega a claudicar, o marido volta ao aprisco conjugal, recomeça a lua de mel e o amante em perspectiva vae espalhar as maguas em longas terras. Livro anodyno.

LES PETITES MANCHABALLE, de Richard O' Monroy é uma serie de perfis divertidos, que lembram Les PETITES CARDINAL para não fazel-as esquecer.

MADAME LA DUCHESSE, de Gyp, uma duzia de dialogos, em que se encontra o picante moralista, o amavel pintor do "monde" com sua vivacidade de observação, sua agudesa de espirito, e mesmo com essa superior discreção, cuja ultima

palavra é uma ironia, sempre prompta a esfagnhar: " diz um critico.

MONSIEUR VEUT RIRE, de Alfred Capus, é uma colleção de quarenta historietas engraçadas, umas mais que outras, como é natural.

Citaremos para fechar a resenha dois romances historicos LA TUEUSE, de Cahum, e LE DRAGON IMPERIAL de Mme. Judith Gauttier, ambos interessantes e curiosos, tanto pelas aventuras como pelos scenarios em que se desenrolam.

A pedido do director do ECHO DE PARIS, Edmundo de Goncourt entregarlhe-á proxivamente, para ser publicado naquella folha, um novo volume do JOURNAL DES GOUCOURT, que comprehende os annos de 1885 a 1889.

Jean Lorrain seu ultimo livro BUVOURS-D'AMES, faz um curioso estudo sobre a dor, cheio d'uma psychologia profunda e interessante. Apareceu em fim de novembro ultimo em Paris, editado pela conhedidissima casa Charpentier Fasquelle.

Com vivo prazer vemos virem chegando-se a nós, a retomarem seus logares, os nossos antigos collaboradores — Hontem foi Urbano Duarte, o nosso grande humorista, e hoje são Moraes e Silva, o castigo e imaginoso escriptor a quem os annos não conseguem envelhecer o coração de poeta, e Fontoura Xavier, o original e masculino artista, de quem damos hoje um esplendido artigo sobre o "poeta laureado" da côrte da rainha Victoria, que deve receber a pesada successão de Tenysson.

Os outros hão de chegar tambem, um a um, para, dessa forma, auxiliarem e recompensarem os nossos esforços no sentido de tornar A SEMANA um repositório precioso das mais bellas e valiosas produções da litteratura nacional.

GYP, a humoristica auctora de tantos volumes esplendidos, acaba de publicar, além dos que citamos acima, editado pela casa Charpentier e Fasquelle, um novo livro — "DU HAUT EN BAS." É uma espirituosissima satira ás pessoas da alta sociedade parisiense, que são fustigadas pela penna da auctora com uma ironia fina e mordaz, que dá um bello relevo ao seu espirito de observação.

MARCOS.

CANICULAR

Ao meio dia, quando a calma intensa cresta
Os leques do cocheiro e as recortadas parras,
E o sol a pino lista o espaço de igneas barras,
— Exagerada luz, que o nosso olhar molesta,

Eu gosto de dormir, voluptuoso, a sesta,
A' monotona voz chilrente das cigarras,
Que vibra forte, além — como um som de faufarras,
Atroando o ar, echoando ao longe, em plena festa.

Ouço, encantado e tonto, essa musica estranha,
Que não pára, que, activa, a cada instante crece:
Um profundo torpor os meus sentidos ganha...

E os olhos cerro: e, sem cuidados, me abandono
Ao olvido subtil, que do céu quente desce...
E dura, até que baixe a noite, o doce somno...

MAGALHÃES DE AZEREDO.

CARTAS Á MINHA IRMÃ

I

19 DE JULHO.

Hoje recebemos uma carta tua de Londres, a cidade collossal em que passeias, tão longe materialmente de todos nós que, entretanto, não te deixamos

partir do nosso coração, nem a tua face risonha e amiga da retina dos nossos olhos, tão saudosamente brasileiros...

Nesse paiz barbaro de ultra-civilizados, em que não tens a ternura dos nossos avós, nem a bondade dos nossos paes, minha cara irmã, quantas vezes não se hão de ter sombreado os teus expressivos olhos com saudades do teu irmão... Ah!, nessa Inglaterra de ferro, levada num enlace vertiginoso de longes cidades a cidades longes, como já não pensaste na viagem de trolly das fazendas de tua terra!... Aos lados da estrada pendem unidas as flores de S. João e de longe em longe um rio vem, com sua cabelleira de sargação, cantando ruidoso a sua cantilena aquatica... Vê: de casebre que se esborða, caipiras olham o trolly que vac acordando o pé, e comprimentam respectuosos e fraternos, na mesma communião da terra protectora e do grande ceu, que derrama a luz, enquanto no ar vivente arde o sol...

Na cidade londrina, porém, o astro não rutila, occulto sempre em nevoas e nas fumaças, halitos de fabricas immensas, que o vencem, e se, por acaso, ousa atravessar as nevoas rotas, não tem, oh! eu estou certo, o fogo do nosso Brasil; lá elle poderá atravez de uma cortina, Desmondar nos cabellos louros de uma miss, a quem tomará por um dos seus raios louros, enquanto aqui, em campo alto, em plena campina, as coboclinhas lhe offerecem sua pelle morena, de que elle gosa, afogando-a de luz... E o sol é tão bello!

Ah!, que rumor, que vida! dizes tu; foste ver tal abbadia e tal palacio e poustaste os olhos no logar em que Anna Bolena perdeu a vida e a sua bella cabeça medieva... Cá, na fazenda que foi tua, o sol batia de chapa na casa caiada de branco, e na encosta que sobe até ella, pelas ameixeiras os passarinhos rumorejavam as mesmas canções que conheces; no cafezal os colonos trabalhavam, alguns lembrando-se de ti...

A' noite foste ouvir a CAVALLERIA RUSTICANA regida por Mascagni... Applausos delirantes, não?... Aqui, a lua subia no ceu e das florestas chegava o odor incbrilante dos pinheiros; á porta de sua morada um preto cantava toadas ao som do violão, e ao longe, incessantemente, numa perenne gala, ouvia-se, ensurdecido pelo espaço, o rio cantando sua cantilena aquatica...

... Minha querida irmã — é crepusculo; seis badaladas o sino deu e o echo foi repetindo além, além, as seis pancadas do sino bronzeo. Da minha mesa de trabalho, que tão bem conheces, eu vi, pela janella aberta, o sol deixar-me... Roubou-me um olhar de saudade e fugio...

Crepusculo, hora das inconscientes lagrimas e das orações catholicas, cheias de mysticismo, de enlevo e fé... O céu ainda não escureceu de todo, mas já grandes nuvens negras pairam no cimo como immensas aves extaticas. No occaso ainda ha os sulcos dos passos do sol e já, aquem, a lua crescente nos mostra seu sceptro argentino.

... E recebe, oh! lua diaphana, oh! mundo dos simples, esta lagrima que róla...

J. V. DE AZEVEDO SOBR^o.

Ser amado, amar no meio de requintado luxo — eis o ideal a que todos se sacrificam.

TH. DE BANVILLE.

CONTO ORIENTAL

Em um dos pateos do palacio egypcio tinha-se armado o toldo escarlate, de seda do Japão, para que a princeza, que se sentia morrer, encontrasse refrigerio ao canção que a prostrava.

Sobre acolchoado divan, Zenobia — a formosa princeza de olhos profundamente negros como dois ethiopes — recostou-se pensativa, arfante o seio esculptural, apoiado o cotovello á almofada de velludo bordada de aureos labores em relevo se contemplava as espiraes caprichosas do fumo que se desprendia da bronzea caçoula em que ardiam cheirosas resinas.

Circundavam o pateo columnas de granito rosado, cortadas de hieroglyphos em que se narravam as façanhas do grande Ramsés; enormes bois de pedra, semelhantes ao Apis, achavam-se enfileirados, a servir de pilastras ás extensas galerias; grandiosas esphynges, impoentes na sua monstruosidade, erguiam as esbeltas cabeças singelamente enlidadas pelo toucado egypcio e exhibiam nús os opulentos seios; em vasos chinezes plantas de largas folhas e de flores exquisitas embalsamavam a tepida atmosphera.

Altissimos obeliscos, crivados de figuras de homens, de irracionaes e de figuras geometricas, gravadas por algum historiador contemporaneo dos antigos Pharaós, serviam de relogios do sol, determinando com a sua sombra a marcha apparente do rutilante astro.

Colossaes estatuas representavam heróes guerreiros ou divindades, sobressahindo d'entre todas, pela magestade do porte, a que era consagrada á deusa Isis, talhada em porphyro purpureo, figurando uma robusta mulher a sinister sobre os joelhos uma creança a quem offerecia o bem contornado e entumecido seio. Impressionava a grandeza religiosa d'aquelles monumentos, rudes creações de um povo semi-barbaro, considerado pelo poder despótico dos reis como uma multidão inconsciente de trabalhadores escravos.

O palacio de Zenobia — da princeza que morria na flor da idade, apaixonada e hysterica — semelhava um magnifico templo de Karnac, pela abundancia e valor das esculpturas e pela importancia inestimavel das escripturas simbolicas.

Escravas nubianas, negras e lustrosas como flautas de ébano, cingidas de amplas tunicas listradas de cores vivas, meneavam compridas palmas que agitavam o ar, á semelhança de leques; donzellas assyrias, graciosamente sentadas sobre os calcanhares, em avelludados tapetes da Persia, tangiam harpas e cytharas e cantavam brandamente com o fim de adormecer a bella enferma.

Decorridos alguns momentos, ella despertou do vago seismar a que a arrastaram os perfumes e os cantos e olhando com tristeza para uma escrava phenicia, de olhos languidos, rasgados em fórma de amendoads, disse-lhe, com voz pausada, quasi sumida pela aproximação da morte:

— Quero ouvir-te agora, Astartéa. A lyra de marfim ha muito não sente a caricia de teus dedos. Tange-lhe as cordas, que os deuses inspiram, e canta-me uma trova que lembre o teu paiz e o teu amante. Antes de morrer, quero — ao menos pela imaginação — partilhar de tua felicidade e persuadir-me,

neste supremo transe, que sou amada como tu, delirantemente, com toda a vehemencia da mocidade que me escaldada as veias.

Astartéa, a escrava favorita, que se distinguia das demais pela correção das formas, a lembrar uma estatua negra de marmore de Paros e pela magnificencia dos ornatos em que sobressahiam as argolas de ouro pendentes das rosadas orelhas e os collares e braceletes de pedras preciosas vindas do Indostão. Astartéa, cuja tunica de seda verde-claro trazia á idéa a côr do Mediterra-neo a espratar-se, murmurante e suspiroso, sobre as alvas areias da costa phenicia, ajoelhou-se aos pés de sua infeliz senhora e com toda a virginal frescura dos dezoito annos cantou comovida:

O meu paiz é distante,
Colocado á beira-mar!
Alli vive o meu amante
Que não cesso de adorar!

Ao som da lyra queixosa,
Envio um terno suspiro
A' minha terra formosa,
A' sempre risonha Tyro!

Minh'alma ao longe vagueia
É sente um goso ideal
Em sulcar a branca areia
Da minha terra natal!

Naquelle paiz distante
As horas correm ligeiras
Ao lado do noivo amante,
A' sombra das tamarceiras!

E Zenobia morria, á semelhança do formoso cacto, "a rainha das flores," abrazado pelo calor tropical.

Nunca homem algum sentira o extraordinario prazer de contemplar a sem véo; as faces da pudica donzella jamais expuzeram-se, em plena luz, á audacia de um olhar masculino. Morria amortalhada na sua virgindade e nas suas illusões de moça.

Morria, amando; mas o profundo sentimento fóra inspirado por um joven official de sua guarda — um estrangeiro, um syrio — com o qual seria crime espantoso ligar-se de qualquer modo. A louca paixão, ao passo que lisongeava-lhe o coração de mulher, indignava-lhe o amor-próprio de princeza.

Ciosa da altivez de sua raça, que jamais se contaminára com allianças espurias; firme no proposito de recalcar a melindrosa flor que sentia brotar no seio, Zenobia, a orgulhosa descendente de reis, preferia, de bom grado, a morte á deshonra.

Em breve, seu cadaver embalsamado em mumia, iria occupar logar de honra na galeria subterranea da grande pyramide e seu nome, inscripto em indeleveis caracteres, passaria glorioso á posteridade.

Quando o sol desceu no horizonte, alongando enormemente a sombra dos obeliscos, e a lua cheia, como uma flor de neve, despontou radiosa no oriente para vir substituir com luz suave as ardentes irradiações de Osiris, a princeza exhalou o ultimo alento, fundando assim a dynastia dos novos Pharaós. Sua alma immaculada subiu ao céu em um raio do luar para mais tarde vir unir-se ao corpo e desfructarem ambos o goso de venturosa immortalidade no selo do deus Phtah, o creador de todas as cousas.

DAMASCENO VIEIRA.

Factos e Noticias

Parte por estes dias para S. Paulo o nosso redactor-gerente Max Fleiuss, que não só visitará a capital do adiantado estado como varias cidades do seu interior.

O nosso redactor-gerente vai promover assignaturas e fazer a propaganda da folha n'aquelle estado, que tão fidalgamente tem recebido A SEMANA.

Esperamos que os nossos collegas recebam o nosso companheiro de modo que a sua viagem seja proficua.

Antecipamos os agradecimentos.

Com o numero de 30 deste mez distribuiremos um pequeno calendario nos dignos assignantes d'A SEMANA.

Pretendiamos offerecer um mimo verdadeiramente artistico, com o retrato dos nossos redactores e collaboradores mais importantes. A exiguidade de tempo e a falta de material adequado tolhem-nos a vontade e assim só daremos um calendario simples.

Prevalendo-nos, porém, da extrema gentileza de nosso illustre amigo Dr. Ferreira de Araujo, que auctorisou a execução da parte zineographica de nosso trabalho nas officinas da GAZETA DE NOTICIAS, publicaremos n'A SEMANA os retratos dos redactores e collaboradores desta folha, que serão desenhados pelo nosso estimado companheiro e brilhante artista Belmiro de Almeida e acompanhados de ligeiras notas biographicas.

TSCHAIKOVSKI

A Russia acaba de perder um dos seus mais notaveis musicos — Pedro Tschai-kovski, director do Conservatorio de Moscov; falleceu no dia 7 de Novembro em S. Petersburgo de um ataque de cholera, após tristissima e demorada agonia.

O illustre compositor era como Rubinstein, Glinka, Verstowski, Popper, etc., uma das glorias da musica russa. Ha apenas oito annos que o seu nome tornou-se conhecido na Franca e logo as suas composições obtiveram o maior successo.

Alto, magro, cabeça pequena, emoldurada de uma barba loura onde alguns fios de prata brillavam, a fronte larga, o olhar azul, quasi triste, Tschai-kovski não possuia nada no seu physico que trahisse a origem slava; dir-se-hia ao vel-o, um parisiense puro, um "boulevardier", tal era a apurada elegancia aristocratica do seu perfil, a correção do seu andar e do seu espirito na conversação.

Nasceu em Volkinsk, provincia de Viatra. Os parentes imaginavam fazel-o magistrado, diplomata talvez, e, em boa hora, atiraram-n'o ao mundo official. Logo que completou vinte e cinco annos, Tschai-kovski, abandonando a magistratura e a diplomacia, fez a sua entrada como professor no Conservatorio de Moscov e tornou-se logo amigo dedicado e discipulo de Nicolau Rubinstein.

A obra do grande compositor russo é consideravel: operas, symphonias, concertos, missas; durante trinta annos, com fecundidade extraordinaria, Tschai-kovski compoz. As partituras e as paginas que deixa são numerosas e si todas ellas não primam pela inspiração elevada e poderosa, não deixam, no entanto de provar que elle era um musico de valor.

Na Russia, e tambem na Franca, alguns dos seus poemas symphonicos po-

pularisáram-se, como: A TEMPESTADE, ROMEO, FRANCESCA, MANFREDO; e tambem algunos de suas operas, taes como: MAZEPPA, ONEGUINE, JOANNA D'ARC, VOYEVODE; e ainda mais a sua abertura MIL OITOCENTOS E DOZE e toda a série de romances originaes, cheios de melancholias melodiosas. Tschai-kovski soube encher os seus poemas de uma viva sensação das paisagens de sua patria: adivinha-se, nas tristes sonoridades da orchestra, atravez o canto das flautas e o murmurio dos violinos, a infinita solidão das "steppes", e as florestas selvagens de pinheiros por onde perpassam os ventos do Norte.

Em fim a Russia deve vestir-se de luto porque a morte, arrebatando Tschai-kovski, roubou-lhe uma das suas mais puras e legitimas glorias artisticas.

Aprender a conhecer as mulheres é aprender antecipadamente o mal que ellas nos farão, sem meio de prevenirmo-nos.

Essa sciencia consiste em augmentar a miseria do amor pela previsão lucida da mesma miseria.

P. BOURGET.

THEATROS

Realisou-se no dia 28 de Outubro ultimo, no Vaudeville de Paris, a primeira representação da peça "Madame Sans-Gêne," original de Victorien Sardou e Emile Moreau. Os seus principaes papeis foram assim distribuidos: "Napoleon," Sr. Duquesne; "Le marechal Lefebre," Candé; "Fouché," Sr. Lérand; "Catherine," Mme. Rejane; "La princesse Elisa, Mme. Dranzer e "La reine Caroline," Mme. Verneuil. A peça fez ruido; ao que dizem, devido isso mais á sua primorosa encenação e movimento espantoso que ha em todo o deslizar das scenas. Mais tarde nos occuparemos da peça em questão, dando ainda algumas noticias sobre o entrecho e a interpretação dos papeis, pelos artistas acima indicados, alguns dos quaes, são estreiantes.



O festejado comediographo Alexandre Bisson acaba de colher mais um triumpho com a "reprise" de sua peça "Le député de Bombignac," recentemente representada no "Gymnase de Paris" E' uma comedia desopilante, de scenas engraçadissimas. Mr. Alexandre Bisson, idealizando um thema por demais leve, soube no entanto, escrevendo, convertel-o n'uma fantasia delicada e alegre. Fazer rir o espectador é o fim principal da comedia, e crivada, como está, de ditos graciosos e de uma bregeirice fina e atilada, mereceu assim as honras do "successo" em que vai proseguindo com muito prazer, já se vê do emprezario do Gymnasio e do auctor da peça, que é nossa conhecida, havendo aqui representada pelo papá Coquelin na sua primeira "tournée."



Mais uma nova peça subiu á scena em Paris, na "Comédie Française" e isto no dia 26 de Outubro ultimo. Como peça original de François de Curel, a quem já nos referimos aqui, esperava-se que ella fizesse "successo" espantoso ou

pelo menos "successo" identico ao das duas peças de que falámos, sabbado passado.

Não queremos dizer que "L'amour brode" cahiu de todo; não, a "Comédie" continuou a annuciá-la e o publico, comquanto diminuto para o grande theatro, não deixou de frequentá-la. Sómente não agradou a todos os palhares, porque a peça baseia-se n'um estudo de pathologia mental, cheio de raridades psychologicas; e depois estas ultimas tomam um rigor tal de axiomas que os espectadores não podem deixar de protestar e revoltar-se contra ellas.

CORREIO

Sr. M. V.—Sim Sr., lavrou um tento, desta vez teve espirito, teve. Gostei dos seus AZEITES DO CABOCCO. Diz o amigo, na sua lenga-lenga de cabocco desabussado:

"Olhe lá, senhor Enrico,
Não me apode de chinfrim !...
Não faça que o sangue trepe
A' cachola cá de mim.
Olhe lá, senhor Enrico,
Não me apode de chinfrim !..."

Si rabisco o meu versinho,
Será da conta de alguém ?
Eu cá sou cabocco teso,
Não devo nem um vintem
Si rabisco o meu versinho
Será da conta de alguém ?

A Juca das Cachinadas
Achou meu verso bem bom ;
Só seu Enrico é o "acha tudo
Aguado," sem tom, nem som.
A Juca das Cachinadas
Achou meu verso bem bom.

E, demais, que o não achasse,
Para que tanto zum-zum ?
Verso mau é cousa rara ?
Não, é cousa mui commum.
E, demais, que o não achasse,
Para que tanto zum-zum ?

Mas "o diabo sempre as tece,"
E' como VANCE fallou :
Não querem cochile a gente
Quando Homero cochilou.
Mas "o diabo sempre as tece",
E' como VANCE fallou. "

(Assignado) M. C.

Diz um velho rifão que—assim como se toca assim se dança. Eis a razão porque vou tambem cair no DEQUIPANGA. Grudo a banza e lá vai cangica!

Affirma o mocotó, cabocco velho !

RESPOSTA

Seu cabocco de uma figa,
Toque lá pela chalaça ;
Sua engraçada cantiga
Vale um copo de cachaça !
Seu cabocco de uma figa
Toque lá pela chalaça !...

Mas aqui, sabendo fique,
Não me pisa botucudo !
Mesmo que seja um cacique,
Seja embora topetudo,
Sim, aqui, sabendo fique,
Não me pisa botucudo !

Se a Musa não sai da tóca,
Vai buscar uma tapuya,
Com a qual comas mandioca

E cará na mesma cuia...
Se a Musu não sai da toca
Val buscar uma tapuya.

Que isto não é tambarana
Com que botucudo brinca.
Quando achares caninana
Afina o tacape, afina!
Que isto não é tambarana
Com que botucudo brinca.

Mette a cabeça no matto,
*Que caboclo não tem luxo!
Vai lá matar carrapato,
Aguenta-te no repucho!...
Mette a cabeça no matto
Que caboclo não tem luxo!

Sr. SOTER DA LUZ—Diz V. S. que seu "soneto é um réo e eu o juiz"—Pois em verdade lhe digo que tenho tido por cá criminosos muito mais dignos de gemer eternamente na gaiola do que o seu, que, se crime commetten, não é dos que merecem condemnação. Tanto assim que o condemnno apenas a... a... a ser publicado quando houver espaço. E bata com o Pão d'Assucar aos peitos!

Sr. IPÊ.—Seu proprio nome o perslga por toda a vida, ou pelo menos até fazer-o perder a mania de choramingar em verso. Ipê! Qual ipê nem qual carapuças! Cacete é o que você me parece. Bem te conheço, páu de lrangeira! mas has de ser publicado só quando o ipê virar garapiápunha!

Hel de lhe mostrar de quantos páus se faz uma canôa! Já que você anda a fazer da poesia cara de mãe, apanha para seu tabaco com seu proprio pseudonymo!

Olhe, você dava no vinte mas era se passasse a chamar-se jequitibá!
Ipê não me cheira bem.

Sr. NHÔSINHO.—O menino não quer antes uma cocada? Uma cocadinha não vale? P'ra poeta, é asneira teimar, Nhôsinho não dá.

Se ha de se pôr a inticar com as Musas, que são senhoras respeitaveis pela idade avançada que contam, acho melhor que o menino vá mudar a fraldinha.

Está cheirando mal o nonhó.
Com que é que escreveu a sua versalhada? foi com calda de assucar?

Ai! nonhó, que aquillo está muito melloso. Não, menino, tenha paciência, escusa de escarafunchar no nariz, o menino aqui não mette o bedelho! Vá se criar, ande, vá se orlar.

Sr. OURICO.—Que nome perigoso que você tem, creatura, mas que nomesinho! Ouri... que perigo! Credo!

Chrisme-se, homem; rebaptise-se, mude de nome.

Deste nome ha de lhe vir muito cairporismo. Um delles é já a sua não entrada na SEMANA.

A sua ou daquillo que o amigo mandou e que pretende ser cousa litteraria. Maude aquillo para outra parte. Olhe que aqui corre o risco de ser atrado na praia!

Então quer uma opinião "a respeito de uma producção do seu importante bestunto?"

A opinião tem-na aclma. Quanto ao seu bestunto creio que ficaria mais bem definido e muito mais ganharia se Vmce. lhe tirasse o unto que o está emporca-lhando.

Para cousa pouco limpa já bastam as duas primeiras syllabas do seu nome.

ENRICO.

TRATOS Á BOLA

Charadistas, a postos.
Desta vez o misero frade, ainda mais depauperado pelas penitencias, oferece-vos um cabaz de tratices, que vale bem por um cabaz das flores mais bellas e rescedentes da mais rescedente Primavera!

Ides encontrar de tudo. Trago charadencia para todos os paladures. E' só pedir por bocca. Chega, pois, rapaziada, enquanto a qultanda está quente! Com estas os meus amiguinhos vão suar um pouco mais o topete!

Tenho certeza de que não lhes hão de metter o dente com a mesma facilidade com que o metteram nas outras. Isto agora fia mais fino: é vinho de outra pipa!...

Antes de desaparafusar a torneira, tornem atraz: isto é, digamos quem se regalou com o premio, por ter deslido toda a meada do passado numero.

O topetudo victorioso desta vez foi — "Corogondó da Silva."

Vieram em seguida — "Bigode de Arume", "Cancurenha", "Falstallino", "Coriolano", "Bombardon", "Magnolia", "Fulustreco", "D. Trompazio", "Grogotó", "Thlamor", que perdeu por cinco, "Vanôra" por igual numero e "Liluzia."

As decifrações são as seguintes:
Do logogripho—A SEMANA.

Charada em terno — c o r
o r o
r o m

Alexandrina — "Acacio", "acacia."
Charada (A' Lilazia) — Lilazia.

Logogripho — "Carlota."
Charada — "Julapa."

Antiga — "Thermometro."
Idem — "Bandalheira."

Novissima — "Dobrado."

O enygma não sahio bom, razão porque não o mataram.

Para quem decifrar a "charadencia" que abaixo dou, reserve um premio, an! an! nem lhes digo nada!...

Lá vai:

CASADA

Foge "della", tem-lhe horror,
Que te póde "ella" matar; } 3
Na pharmacia, bom leitor, }
Elle póde te curar.

1—2 No matto vê-se uma herva que serve para tempero.

LORD NECKWER.

ENYGMATA

(A FREI ANTONIO)

cinco	9.9.9.	f
cinco		
cinco = 20	ora	VII
cinco		

TARECO.

NOVISSIMAS

2—2 Tem poder a ave que é ave.

2—2 Tem poder o homem militar.

2—2 O signo é planta no homem.

MIRA-FLORES.

CHARADA ENYGMATICA

(por syllabas)

Pego aos bravos charadistas
Que respondam com cuidado,
Dizendo-me qual o "homem"
Que é assim appellido. 2.º, 1.º, 3.º

ALVA COLOMBINA.

ANTIGA

Masculino ou feminino
Este animal singular:—1
E' tecido que se come
Em mela nave no mar.—1

Queres conceito? Ah! vai!
De duas partes formado,
O meu todo é bem igual
A' minha primeira parte:

E dest'arte,
Basta assim ter achado
O começo original
Para ter-se o animal.

NEOPNITOS PAULISTAS

Agora feito o esconjuro ao demonio, entra o fradeco em serviço. Com licença de V.V. S.S.

Esta conjunção — 1
Que n'um alto tal está, — 2
Dobra-lhe a porção
Que n'um quinto caberá.

Está na capa esta parenta da escripta.—1—2.

E' mais nada por hoje.

Aos dignos e incansaveis charadistas que tanto tem abrilhantado esta secção com o seu valioso auxilio, todos os meus agradecimentos.

Desta vez vejam lá se erram a pontarla como da vez passada, hein? ...
E sabem que mais? Mais nada.

FREI ANTONIO.

A SEMANA

Continuando a sua primitiva maneira de ser, e para em tudo respeitar as tradições da folha, concedemos aos Srs. assignantes quites com ella, mas só a estes, as seguintes vantagens:—a) fazer á folha uma consulta medica ou juridica por mez; b) fazer-lhe perguntas ou pedir-lhe informações sobre qualquer assumpto. Tanto aquellas como estas serão respondidas com a maxima presteza, em ordem chronologica e do modo mais satisfactorio que nos for possivel.

O serviço de consultas gratuitas foi introduzido na imprensa brasileira pela "Semana" e é uma vantagem de grande valor para o assignante, por poupar-lhe algumas dezenas de mil réis no anno.

Como as respostas ás consultas são dadas pelo correio, só serão respondidas as que vierem acompanhadas dos respectivos sellos.

Roga-se aos Srs. assignantes o favor de indicar, sempre que possam, o numero de seu recibo quando hajam de consultar-nos.

ANNUNCIOS**ESTABELECIMENTO
HYDRO E ELECTRO-THERAPICO**

DOS

Drs. Avellar Andrade e Werneck Machado
115 — Rua Sete de Setembro — 115
Rua da Carioca, 12 e 14
FILIAL EM PETROPOLIS

CHAPELARIA AMERICANA

EM FRENTE A' CASA PASCHOAL
CARVALHO PORTUGAL & C.

133. Rua do Ouvidor, 133
Importação por todos os paquetes
Completo sortimento de chapéus para homens,
senhoras e crianças, guarda-chuvas, bengalas, etc., etc.
Rio de Janeiro

FABRICA ORPHANOLOGICA

DE

FLORES ARTIFICIAES

Ribeiro de Carvalho & C.
RUA DO PASSEIO

Têm sempre um grande e e-colhido sortimento de grinaldas, flores,
etc., etc

**PIANOS E MUSICAS
FONTES & C.**

Rua dos Ourives 51
Telephone 1051
RIO DE JANEIRO

O PEDAGOGIUM

13 Rua do Visconde do Rio Branco 13

BIBLIOTHECA

Laboratorio de Chimica, Gabinetes de Physica
e Historia Natural.

EXPOSIÇÃO DE MATERIAL ESCOLAR

ESTÁ FRANCO AOS ESTUDIOSOS

Nos dias uteis das 10 horas da manhã ás 3 da tarde

REVISTA PEDAGOGICA

Orgão do PEDAGOGIUM. Distribuição gratis aos
Srs. Professores.

ESTA' PUBLICADO O 1º FASCICULO DO TOMO V

Dr. R. Rajardo

CLINICA MEDICA

Consultorio, Rua do Hospicio n. 22, das 2 ás 4 horas
Residencia Praia do Flamengo n. 96

TELEPHONE 5032

DR. HENRIQUE DE SÁ

CLINICA MEDICO-CIRURGICA

12, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12

Das 12 ás 3 horas

Dr. Ed. Chapot Prévost

Lente Cathedratico da Faculdade

Gynecologia e Operações

23 — RUA DA QUITANDA — 23

Das 2 ás 4 horas

Reside na Rua Alice n. 3 — Laranjeiras

DR. VALENTIM MAGALHÃES

ADVOGADO

RUA DOS OURIVES N 71

SEGUNDO ANDAR

DE 1 A'S 3 HORAS

DR. VIEIRA SOUTO

Medico e Operador

Especialidade : *Partos e Molestias das Senhoras*

Residencia e Consultorio :

RUA DOS ANDRADAS N. 6

Consultas de 1 a's 4 horas

Telephone 1138

Papelaria LUIZ MACEDO

64, RUA DA QUITANDA, 64

Importação de papel de todas as qualidades.
Completo sortimento de livros e objectos
para escriptorio e de fantasia.